

VISÃO DO CORREIO

Sem retrocessos na proteção de crianças e adolescentes

Um dos avanços civilizatórios da Idade Moderna é a mudança de perspectiva em relação à infância. Tratadas como adultos em miniatura, as crianças passaram a ser compreendidas em suas particularidades, culminando, ao longo dos anos, na criação de marcos protetivos. Notícias da última semana, porém, evidenciam que os balizadores legais não impedem recuos pelo lado de cá. Em sessão remota relâmpago, que durou menos de dois minutos, o Senado Federal aprovou na terça-feira um projeto de decreto legislativo (PDL) que derruba uma resolução do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) relacionada ao acesso de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual ao aborto legal. Em termos práticos, podem deixar de valer orientações sobre o atendimento a essas meninas, abrindo brechas para divergências na assistência e até mesmo para que o procedimento previsto em lei não seja realizado. A ideia de que é preciso criar condições para que os alcoses de crianças e adolescentes sejam identificados e punidos é argumento adotado tanto pelos defensores quanto pelos críticos do PDL. Não poderia ser diferente, sobretudo quando se sabe que os criminosos geralmente estão próximos às vítimas. Dos 51.677 casos de estupros de crianças com até 13 anos registrados no país em 2024, 69% ocorreram dentro de casa, sendo que 63% dos criminosos era um familiar e 29%, um conhecido, segundo o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. Não há dúvidas também de que essa é uma chaga nacional. De 2013 a 2023, foram registrados mais de 232 mil nascimentos de bebês de mães com até 14

anos no país. Só em 2023, o Ministério da Saúde contabilizou quase 14 mil, e apenas 154 meninas tiveram acesso ao aborto legal. Um problema com essas proporções exige análise responsável para a implementação de qualquer mudança que vise melhorar o seu enfrentamento. Não parece ser o caso do projeto que aguarda promulgação do Congresso para entrar em vigor. A contestação no Judiciário é, inclusive, dada como certa. No dia seguinte à polêmica votação do Senado, tomou o noticiário a história de uma família em Santa Catarina que manteve em casa, durante 14 meses, uma mulher de 37 anos que fingia ter 12 e estar fugindo de maus-tratos, incluindo abusos sexuais. Espera-se que a investigação policial esclareça como se deu o que tem sido inicialmente apontado como um “sequestro emocional” das vítimas. Mas surpreende o fato de órgãos de proteção a crianças e adolescentes não terem sido acionados diante do relato ouvido, ainda que ele seja inverídico. A descoberta de que o mesmo roteiro se deu em outros estados torna a situação ainda mais preocupante. Se delegacias, conselhos tutelares, escolas, centros de saúde e casas legislativas não são — ou deixaram de ser — percebidos como locais de proteção aos menores de idade, há um retrocesso em curso que precisa ser parado. Não se pode recorrer a soluções domésticas ou motivadas por interesses ideológicos para desrespeitos a um dever legalmente entendido como comparilhado. É obrigação do Estado, da família e da sociedade seguir os ritos oficializados todas as vezes em que houver risco ou violação de direitos de crianças e adolescentes. E mais: atualizar e aperfeiçoar esses protocolos sem criar ou retomar ameaças.



MARCOS PAULO LIMA
marcospaulo.df@cbnet.com.br

A Copa pune os convictos

Sabe aquela canção *Samba de uma nota só* do Tom Jobim? É uma lindíssima bossa, mas não pode servir de trilha sonora para a Seleção. A Copa costuma punir o apego a uma fórmula. Por mais que Carlo Ancelotti esteja convicto do sistema tático com quatro atacantes, o campo pede alternativas a uma semana da estreia contra Marrocos, no próximo dia 13, às 19h, no MetLife Stadium, e elas começarão a ser dadas hoje no duelo com o Egito. O sistema predileto do Ancelotti exige recomposição do ponta Luiz Henrique e do falso 10 Matheus Cunha. Vinicius Junior e Raphinha não entregam 100% de transpiração e dão brecha às mudanças. Sobrou para Luiz Henrique. Ancelotti experimentará um sistema com três homens no meio de campo: Casemiro, Bruno Guimarães e Lucas Paqueta. Poderia ser Danilo do Botafogo. Está jogando muito no clube e na Seleção! A minha impressão na primeira semana de treinos aqui em Nova Jersey, nos Estados Unidos, é de que o vestiário dialoga com Ancelotti. Jogadores marcados por eliminações, como Alisson, Marquinhos, Danilo, Alex Sandro e Casemiro, trocam ideias com ele entre a esbafoação de um charuto e outro. A falta de variação, o samba de uma nota só, tem sido vilão nas eliminações em série nas quartas de final. Em 2006, Parreira era refém do quadrado mágico. Não desaparegava de Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Adriano e Ronaldo. Havia clamor pela entrada de Juninho Pernambucano no meio de campo em troca de estabilidade tática. Parreira sacou o

Imperador nas quartas de final, mas aquela formação não tinha entrosamento suficiente para enfrentar a França. Quatro anos depois, Dunga pagou caro pela avareza. Não renunciava a Elano, Kaká, Luis Fabiano e Robinho. Pior: convocou um banco de reservas frágil. Bastou Elano sofrer lesão e Ramires cumprir suspensão nas quartas de final para o capitão do tetra se embaralhar contra a Holanda. Daniel Alves entrou improvisado no meio de campo na queda diante da Holanda. Tite achou o time cedo em meio ao ciclo para a Copa de 2018. Ostentava um time que deu certo desde o primeiro dia de trabalho e o repetiu a exaustão. Quando a Copa chegou, Daniel Alves se machucou e ficou fora da convocação. Renato Augusto desembarcou na Rússia lesionado e mexeu no tabuleiro tático. Quem entrou não correspondeu e Tite viu a dependência de Daniel Alves e Renato Augusto exposta. Quatro anos mais tarde, havia um apego pelo quarteto formado por Raphinha, Neymar, Vinicius Junior e Richarlison. Em vez de fortalecer o meio de campo contra uma Croácia liderada por Modric, manteve a postura ofensiva até quando vencia por 1 x 0 e sofreu gol de contra-ataque. A necessidade ensina a mudar. Romário e Bebeto levaram o Brasil ao título da Copa América em 1989. Um ano depois, o ataque na Copa era Müller e Careca. Parreira tinha Raí como camisa 10 intocável. O meia perdeu a posição para Mazinho em 1994. Juninho Paulista iniciou o Mundial de 2002 titular e Kleberson ganhou a posição. O convicto Ancelotti ao menos está ouvindo...

Às vezes o que nos aguarda é melhor que o que mais desejamos.



Sérgio Sant'Anna
Escritor brasileiro
1941 - 2020

» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Metrô

Expansão do metrô sem comprar trens? Sem funcionários para atender? Expansão do caos ou do transtorno? Pior é quem fiscaliza esses gastos públicos, porque não é possível que não saibam a precariedade dos trens e a enorme falta de eletricidade disponível para alimentar as unidades. Primeiro, vão fazer os trilhos e as estações para ficarem abandonados, às custas de milhões de reais de dinheiro público. Depois, vão alegar que não tem trem nem pessoal suficiente para atender. É uma piada de péssimo gosto com quem usa o transporte público todos os dias.

» **Arthur Alves**
Brasília

Ciclovias

Além da expansão do metrô, um outro modal que pode ajudar é a expansão de ciclovias na EPTG em sua totalidade, sem parar no canteiro central e também na Estrutural. Temos muitas outras cidades utilizando bicicletas elétricas, como Vila Velha, no Espírito Santo. Se investir pesado nessas ciclovias, será uma boa opção para as pessoas.

» **Renato Borges**
Águas Claras

Perdão judicial

O perdão judicial é um instituto humanizante, cuja vocação é acolher situações em que a tragédia já pune o réu o bastante. É aplicado, por exemplo, quando a mãe que, por um instante, tira os olhos do volante e atropela o filho que atravessava a rua ou o pai que desvia o olhar, e a criança se afoga na piscina. Nesses casos, a pena seria tortura adicional sobre uma dor já insuportável. O caso de Monique e do menino Henry, porém, é outro: a mãe não foi negligente por um segundo de distração, mas omissa diante de um processo continuado de violência contra o filho. Trata-se de uma metástase ideológica que atingiu o Judiciário. Comparemos com o caso de Débora do batom, condenada a 14 anos de prisão por pichar um monumento público em um protesto. Podemos concluir, portanto, que uma vida de 4 anos de idade pesou menos que um verniz em uma estátua. Não bastasse o aborto, agora querem excludente de punibilidade também para o filicídio? Ora, se a juíza precisou exacerbar discurso social-político para dar um esdrúxulo perdão judicial, parece que argumentos jurídicos, então, faltaram para a chancela do absurdo.

» **Ricardo Santoro**
Lago Sul

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

O Brasil comemora que facções criminosas passaram a ser vistas como terroristas pelos EUA. Talvez assim alguém consiga trazer paz para o povo brasileiro que se cansou de sofrer com a criminalidade.

Flávio Domingues — Brasília

O fato é que essas organizações existem há muitos anos, estão em plena expansão e o governo brasileiro nada faz para combatê-las, deixando brecha para a intervenção estrangeira.

Nunes Rodrigues — Brasília

Quem ama o Brasil defende os interesses do Brasil. Divergências políticas são normais, mas pedir pressão estrangeira contra o próprio país é algo que cada cidadão precisa avaliar com atenção.

Paulo Ferrassioli — Curitiba (PR)

Aborto legal dificultado em meninas que foram estupradas: só faltou um parágrafo dizendo que, em caso de estupro, a lei não se aplica as filhas dos parlamentares conservadores e de pessoas ricas.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

De que adianta aumentar o número de estações do metrô do DF se não comprar ou renovar a frota? Vai continuar o mesmo caos!

Silvio Alves — Brasília

» **Marcus Aurelio de Carvalho**
Santos (SP)

Marcha para Jesus

Um evento que deveria ser expressão de fé, comunhão e espiritualidade virou palco de campanha. A Marcha para Jesus nasceu para unir as pessoas, não para impulsionar projetos de poder. Mas o que se vê é uma tentativa de transformar a devoção em estratégia eleitoral e a crença, em moeda de troca. A fé não precisa de cabos eleitorais, de políticos disputando holofotes em “nome de Deus”, nem de promoção pessoal visando a próxima eleição. Na hora de angariar votos, o mandamento “Não tomarás o nome do Senhor em vão” é só um detalhe, um pecadinho sem importância.

» **Pacelli M. Zahler**
Sudoeste

Solidariedade

Temperaturas despencam. Estamos sofrendo com essa semana gelada em vários estados do Brasil. Se estamos sentindo frio mesmo agasalhados e dentro de casa, imagine as pessoas em situação de rua. Nós, que somos privilegiados, não podemos nos esquecer deles. A hora de ajudar é agora. Todos temos algum agasalho ou um cobertor que não usamos guardado no armário. Vamos doar, porque o frio está muito intenso e muita gente está nas ruas precisando. É hora de a solidariedade falar mais alto.

» **José Ribamar Pinheiro Filho**
Asa Norte

Segregação racial

Está em curso nos Estados Unidos, articulada por Donald Trump, a mais evidente retomada da segregação racial. Diferentemente do Brasil, deputados estaduais e federais são eleitos por distritos, normalmente configurados a cada 10 anos por quem controla o poder estadual. Agora, Trump e aliados republicanos defendem um redesenho “extraordinário” desses distritos, no meio da década, especialmente no Texas e em estados do Sul, para ampliar cadeiras republicanas antes das eleições de 2026. O debate eleitoral deixou de ser apenas político e passou a dividir comunidades entre brancos, negros e latinos, alimentando desconfiança, radicalização e disputas sobre direitos civis e representação política. O risco é transformar diferenças étnicas em instrumento de poder, enfraquecendo a democracia e normalizando a ideia de cidadãos com influência desigual.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*	
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM	
			R\$ 1.187,88	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES	(promocional)
Assine				
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp				
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.				
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.				
Anuncie				
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp				
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br